

**QUANDO OS MAIORES MEDOS NÃO  
SÃO POSSÍVEIS, SÃO PROVÁVEIS:  
metodologia e ética na pesquisa<sup>1</sup>**

**WHEN THE BIGGEST FEARS ARE NOT  
POSSIBLE, THEY ARE LIKELY:  
methodology and ethics in research**

**CUANDO LOS TEMORES MÁS  
GRANDES NO SON POSIBLES, SON  
PROBABLES: metodología y ética en  
la investigación**

**Resumo:** O presente artigo apresenta as metodologias de conversas, de pesquisa com os cotidianos e de escrituragens que se desenvolveram na pesquisa de doutoramento, junto a questões éticas que enfrentamos ao narrar sobre as criações curriculares com cotidianos de uma escola pública da periferia na Baixada Fluminense/RJ, contemplada pelo Edital FAPERJ de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro — 2021” para desenvolvimento do projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores”. Educação, democracia, interseccionalidade são tecidas em narrativas como enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado, fazendo-se prática de pesquisa, formação e escrita curricular. O texto traz o debate sobre manter o anonimato da escola, de estudantes, de profissionais da educação e da comunidade, questão metodológica que atravessou a pesquisa, o debate com a banca na qualificação e com a orientação sobre a proteção para tempos de ódio. Refletimos sobre o “direito de aparecer” da escola, diante de políticas públicas de controle de currículos como a Base Nacional Comum Curricular, por exemplo, e seguimos apresentando as metodologias de pesquisa com os cotidianos, com as conversas e com a criação literária. A escola pesquisada, desta forma, é tudo isso e não é nada disso.

**Palavras-chave:** Conversa. Cotidiano. Ética na pesquisa. Criação curricular.

Recebido em: 07/11/2022

Aceito em: 22/11/2022

Publicação em: 15/12/2022

<sup>1</sup> Agência Financiadora: FAPERJ/CNPq/CAPES



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.64761

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Maria Luiza Sússekind**

Doutora em Educação

Professora da Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: [m Luizasussekind@gmail.com](mailto:m Luizasussekind@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7296-615X>

**Silvia Tkotz**

Mestra em Educação

Orientadora pedagógica na rede pública  
de ensino do município de Duque de  
Caxias e Doutoranda pela Universidade  
Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
Brasil.

E-mail: [email@email.com.br](mailto:email@email.com.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

**Como citar este artigo:**

SÜSSEKIND, M. L.; TKOTZ, S. QUANDO OS MAIORES MEDOS NÃO SÃO POSSÍVEIS, SÃO PROVÁVEIS: metodologia e ética na pesquisa. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-12, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64761>.

**Abstract:** This article presents the methodologies of conversations, research with everyday life and writing that were developed in the doctoral research, along with ethical issues that we face when narrating about the curricular creations with daily life of a public school in the periphery of Baixada Fluminense/RJ , awarded by the FAPERJ Notice of “Support for the improvement of public schools based in the State of Rio de Janeiro — 2021” for the development of the project “Plural languages: sounds, knowledge and flavors”. Education, democracy, intersectionality are woven into narratives such as confronting capitalism, colonialism and patriarchy, becoming a practice of research, training and curriculum writing. The text brings the debate on maintaining the anonymity of the school, students, education professionals and the community, a methodological issue that crossed the research, the debate with the bank in the qualification and with the guidance on protection in times of hate. We reflect on the school’s “right to appear”, in the face of public policies to control curricula, such as the National Common Curriculum Base, for example, and we continue to present research methodologies with everyday life, conversations and literary creation. The researched school, in this way, is all that and is none of that.

**Keywords:** Conversation. Everyday life studies. Ethics in research. Curriculum creation

**Resumem:** Este artículo presenta las metodologías de conversaciones, investigación con lo cotidiano y escritura que se desarrollaron en la investigación doctoral, junto con cuestiones éticas que enfrentamos al narrar sobre las creaciones curriculares con lo cotidiano de una escuela pública en la periferia de Baixada Fluminense/RJ , otorgado por la Convocatoria FAPERJ de “Apoyo a la mejora de las escuelas públicas del Estado de Río de Janeiro — 2021” para el desarrollo del proyecto “Plurales: sonidos, saberes y sabores”. La educación, la democracia, la interseccionalidad se tejen en narrativas como el enfrentamiento al capitalismo, el colonialismo y el patriarcado, convirtiéndose en una práctica de investigación, formación y redacción curricular. El texto trae el debate sobre el mantenimiento del anonimato de la escuela, los estudiantes, los profesionales de la educación y la comunidad, cuestión metodológica que atravesó la investigación, el debate con el banco en la calificación y con la orientación sobre la protección en tiempos de odio. Reflexionamos sobre el “derecho a aparecer” de la escuela, frente a las políticas públicas de control curricular, como la Base Curricular Común Nacional, por ejemplo, y seguimos presentando metodologías de investigación con la cotidianidad, las conversaciones y la creación literaria. La escuela investigada, de este modo, es todo eso y no es nada de eso.

**Palabras clave:** Conversación. Cida cotidiana. Ética en la investigación. Creación curricular.

Só temos o medo  
 só o medo  
 o medo de sermos corajosos.  
 De sermos medrosos  
 também o medo.  
 (EVARISTO, 2017)



presente artigo apresenta as metodologias de conversas, de pesquisa com os cotidianos e de



de *escrevivências* que se desenvolveram na pesquisa de doutoramento, junto a questões éticas que enfrentamos ao narrar sobre as criações curriculares com cotidianos de uma escola pública da periferia na Baixada Fluminense/RJ./Brasil. Tais narrativas são carregadas das criações curriculares que se intensificaram a partir do Edital FAPERJ nº45/2021 de “Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro — 2021”



que contemplou essa escola para desenvolvimento do projeto “Linguagens plurais: sons, saberes e sabores em uma escola pública na Baixada Fluminense/RJ.”. Em um engalfinhar teórico político e epistemológico com a pesquisa bibliográfica sobre educação, democracia, interseccionalidade e outras leituras de cunho político de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado, tecemos narrativas que se fizeram prática de pesquisa, formação e escrita curricular a partir dos estudos com os cotidianos (SÜSSEKIND, 2012).

Disputas na comunidade invadem as salas de aula na escola pesquisada pelos relatos de situações com o carro de massagem observadas ou vividas por familiares de estudantes e/ou estudantes antigos da escola. Esses relatos trazem para o cotidiano escolar um conjunto de conhecimentos com a comunidade sobre a diversidade de modos de resolver as questões locais, experiências compreendidas como currículos *pensadospraticados*, a partir de Oliveira (2012). Os relatos são modos de dizer que geram outros saberes nos quais praticantes se reconhecem.

Os relatos das práticas precedem os discursos sociais. São estruturas narrativas que organizam os espaços e os tempos, além de possuírem uma função descritiva e criativa a respeito das práticas sociais. Os relatos são saber, fazer e poder ao mesmo tempo e, por isso, caminham junto e à frente das práticas sociais. São, de certo modo, fundadores das práticas (SÜSSEKIND, 2007, P.23-24).

Em um território esquecido pelo Estado, uma força local - o carro da massagem -, dentre outras, estabelece mecanismos de controle da ordem, julgamento e punição de atos considerados lesivos contra a comunidade. As regras, no entanto, não são claras e não são para todas as pessoas. Castigos corporais e espancamentos sofridos por membros da comunidade chegam à escola trazidos em relatos de estudantes, que dizem não poder contar e Daniel (2007) chama de segredo público. O segredo público permanece em uma "zona de indistinção" entre o exterior e o dentro, a exceção e a regra, o lícito e o ilícito, o público e o secreto, segundo a autora. O carro da massagem é um segredo público, um segredo que o público escolheu por esconder de si mesmo.



Corpo do Bandeira-poema "Seja marginal seja herói" de 1968 de Hélio Oiticica  
e corpo morto de ex estudante da escola em novembro de 2019

Há um modo de viver que negocia, inventa e subverte. Esse cenário, contraditoriamente, gera medo velado e segurança, sendo que a comunidade se apresenta como um lugar tranquilo de se viver, crianças brincam pelas ruas e as pessoas transitam a qualquer hora do dia ou da noite. Esse misto complexo de sentidos partilhados cria conhecimentos e conflitos com os cotidianos escolares e padrões de sociabilidade são *pensadospraticados* a partir das vivências sociais, políticas e culturais de educadores e estudantes. Daí emerge a pergunta: como o carro da massagem se relaciona com o currículo?



Educadores se incomodam com o que se mostra como uma sociabilidade colonial e perguntamo-nos como os estudantes transitam entre a pedagogia da não-violência com os cotidianos escolares e a pedagogia violenta do carro de massagem. Engendradas nessas questões locais, a violência cumpre um papel no processo de acumulação capitalista e a população pobre dessa comunidade se mantém, aparentemente, pacificada por "capatazes". Parte dos currículos com os cotidianos escolares é, assim, criação em silêncio pois é preciso aprender a lição de que os maiores medos não são possíveis, são prováveis.

Essa narrativa, que traz o carro de massagem na criação curricular (SÜSSEKIND, 2017) e os segredos públicos (DANIEL, 2007), provoca-nos a apresentar a questão sobre o anonimato na pesquisa. Inicialmente, pensamos em identificar a comunidade escolar como modo de compartilhar as experiências curriculares e possibilitar outras conversas com outras comunidades escolares e pesquisas com currículos *pensadospraticados*. O debate sobre manter o anonimato da escola pesquisada, dos estudantes, dos profissionais da educação que ali trabalham e da comunidade atravessou a questão metodológica dessa pesquisa, foi tema da conversa com a banca na qualificação e com a orientação sobre a proteção para tempos de ódio.

Conversa é curricular, pois, complicadas, são recheadas de



dissensos que se dão nos espaços ricos de diferenças em que estamos inseridos. Portanto, curricular, para nós, é fazer uma conversa que reconheça epistemologias diversas e tenha a diferença como princípio (SÜSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020). Escrevemos esse artigo, no exercício de capturar as conversas sem perder os dissensos. Em um desses momentos de registro, ouvimos o anúncio da morte de Elza Soares. Foi a ela atribuída a frase que nos inspira: “Não tenho medo de nada. Temos que ensinar o medo a ter medo de nós”. Corajosa, feminista, intensa, determinada, também a ela é atribuída essa frase, que nos alerta. “A única coisa que me dá medo é o ódio”.

Alertas, refletimos sobre a questão da autoria das crianças e de outros participantes nessa pesquisa que pensa o anonimato como modo de se proteger de políticas e ações de ódio. As crianças precisam ser protegidas, mas não poderiam ser apagadas. Como fazer? A participação das crianças e dos profissionais da escola que “diziam aquilo que achavam que queríamos ouvir” (SÜSSEKIND, 2007, p. 93) se fez conversa e narrativas da pesquisa. As crianças observaram, por exemplo, que eram fotografadas e, a partir dessa observação, passaram a apontar e a convidar para fotografar o que elas achavam importante.

Esses convites geraram outras conversas e essas conversas teceram mais narrativas. Buscamos Caputo (2018) para orientar sobre “uma etnografia feita com fotografias nos cotidianos das casas de santo, que tem as crianças como principais interlocutoras de diálogo e imagem” (CAPUTO, 2020) e, nessa pesquisa, esse movimento se tornava metodologia de pesquisa: a *fotoetnografia* miúda. Assim como com “a palavra-sopro miúda, a palavra soprada das crianças de terreiros” (CAPUTO, 2018), nós ouvíamos a palavra soprada das *criançasestudantes*.



Entre sopros, fomos registrando em fotografias e narrativas o que se passava. Também profissionais da educação que trabalham na escola pesquisada foram colaboradores na composição desses registros fotográficos, feitos pelas câmeras de nossos celulares, que vieram a compor um álbum para a qualificação. No entanto, na complexa ação de “montagem” da tese, apenas algumas fotografias foram incluídas como fios de narrativas no texto. Essa escolha está associada a questão da ética na pesquisa e aos caminhos eleitos. E assim, as fotografias escolhidas para a tese foram sofrendo cortes e recortes, sombreamentos e manchas que marcam a preocupação em preservar os sujeitos.



Refletindo com Butler (2015), preservamos os sujeitos e garantimos o “direito de aparecer” dessa escola, diante de políticas públicas de controle de currículos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, que “é arrogante, indolente e malévola, e, com suas ignorâncias, produz injustiças, invisibilidades e inexistências, coisificando os conhecimentos,

ferindo a autonomia, desumanizando o trabalho docente e, ainda, descaracterizando o estudante na sua condição de diferente, de outro legítimo” (SÜSSEKIND, 2019, p. 92).

A BNCC, como muitas políticas curriculares, tem se mostrado arrogante ao se arvorar de tamanha superioridade que se reconhece única, melhor, total e, até mesmo, neutra, ignorando experiências curriculares diferenciadas e hierarquizando a pluralidade do mundo. De maneira



indolente e malévola, produz invisibilidades e inexistências marginalizando a riqueza e os acontecimentos da vida local e inédita.

Fugimos desse modo de pensar currículo como único e buscamos currículos como conversas complicadas (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014) em espaços-tempos de criação e tessituras de conhecimentos em redes (ALVES, 2001), em que aulas são como pinturas abstratas em que as professoras levam apenas algumas cores (PINAR apud SÜSSEKIND, 2014).

Acreditamos que ao escrever sobre metodologias não dá para fugir de apresentar as escolhas dos caminhos, sem discorrer sobre as epistemologias que as provocam. A decolonialidade e a interseccionalidade são modos de compreender o mundo que nos inundam especialmente porque ajudam a nos posicionar politicamente nesses tempos de tanto ódio e tanta intolerância exacerbados por um governo que se apropria de conceitos e palavras, distorce sentidos e mente.

Descolonizamos o currículo porque inventamos, porque criamos outras coisas, porque não admiramos o colonizador, porque nos rebelamos em relação à epistemologia colonial. Descolonizamos porque rejeitamos e lutamos contra a linha abissal do conhecimento e somos contra o fascismo epistemológico. Descolonizamos porque afirmamos a existência da pluralidade epistemológica e metodológica (SÜSSEKIND, PAVAN, 2019, p. 2).

As nossas escolhas político-metodológicas de enfrentamento ao capitalismo, ao colonialismo e ao patriarcado nos permitem defender as lutas invisíveis que se dão no cotidiano. Os estudos com os cotidianos

assumem a precariedade dos resultados, a itinerância dos métodos e tomam como objeto ‘o social’ considerando o cotidiano como arma, como episteme. Sobretudo, constituem-se como espaço de discussão, no qual é menos importante saber qual é a noção ou a postura mais correta do que multiplicar as ideias e construir-se *nodebateenadiversidade* (SÜSSEKIND, 2007. p. 201).

No decorrer dessa pesquisa, tivemos a oportunidade de participar da 40ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED em setembro/outubro do ano de 2021. Nessa reunião foi apresentada a proposta de criação do Grupo de Estudos “Cotidianos - ética, estética e política”, tendo diversos grupos ligados a essa corrente de pensamento na Educação, que foram se organizando e articulando em diversas universidades brasileiras, entre os quais o ProPed/UERJ com a linha de pesquisa “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”; o PPGE/UFF com a linha de pesquisa “Estudos do Cotidiano e da Educação Popular”; o PPGE/UFES com a linha “Docência, Currículo e Processos Culturais”; a UNISO com a linha de pesquisa “Cotidiano Escolar”; o Instituto de Artes/UERJ, tendo em sua Pós-graduação o Grupo de Pesquisa com a linha de pesquisa “Práticas curriculares cotidianas”; a UFRJ, com o grupo “Ecologias do narrar” e o “Conversas entre professores: alteridades e singularidades – ConPAS”; a FFP/UERJ-campus S. Gonçalo, com o “Vozes da Educação”; a UFES, com o “Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos”. A defesa dessa proposta coaduna com as perspectivas epistemológicas, políticas e metodológicas defendidas nesse artigo.



Na pesquisa, estivemos atentas aos movimentos com os cotidianos que nos possibilitava *duvidarconfirmar* as hipóteses iniciais da pesquisa: A escola pesquisada consegue produzir currículos de maneira democrática? Há troca de conhecimentos curriculares entre os atores pesquisados? A cultura local possibilita insumos para o diálogo entre as experiências da comunidade e o currículo escolar?

Mesmo tendo no desenvolvimento dos estudos a confirmação de que nessa escola há criação curricular em cotidianos democráticos, a pesquisa identificou a extrema situação de vulnerabilidade dessa escola diante de um possível governo ditador que pudesse vir a coibir seus modos de fazer currículo. Ainda que escrevamos esse artigo em um momento de esperar, tendo as eleições presidenciais apontado para a vitória da democracia, o medo aqui é possível diante de episódios de violência e golpes. Esperamos que esse medo não seja provável, mas as experiências muito recentes na política alertam para a cautela. Decidimos acatar a prudência como uma escolha ética com a pesquisa. Hoje, defendemos que compartilhar as experiências poderá ser mais visível se mantivermos o anonimato, ainda cientes de que essa escolha nos imprimiu renúncias, como a de nomear os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) com nossa pesquisa.

Em [nós], reside um esquadrinhador. Medindo, quantificando, comparando, selecionando, classificando, hierarquizando. Mas, emergem pensamentos desobedientes de subversão, de inversão.

Esta tese tenta remontar em palavras a tensão entre parte de [nós] que tenta o tempo todo arrumar as coisas e por isso mesmo nunca as entende bem e outra parte – talvez seja a mesma... – que não arruma para entender (SÚSSEKIND, 2007. p. 120).

Decidimos, então, para a tese “que mais que estudar e escrever [nós deveríamos] propor uma possibilidade, um acordo, ético, estético, prático e comum, ordinário (SÚSSEKIND, 2007. p. 23).

Produzir uma tese é olhar de forma diferente, inédita, para algo (dito objeto da tese) sob nova perspectiva (dito hipótese) e produzir um relato (que os cientistas chamariam pobremente de uma síntese) que deveria interessar e importar aos outros estudiosos da mesma, e talvez de outras áreas. Uma tese deveria sugerir, permitir, estimular e provocar mudanças no campo de estudos a que se refere. Mas, os relatos falavam do todo-dia de outros (SÚSSEKIND, 2007. p. 33).

Seguimos com os relatos do “todo-dia” que irrompiam com a metodologia de conversas, que atenderam ao “desejo de escrever as histórias, trazendo a multiplicidade de versões e de possibilidades teórico-epistemológicas de compreensão” (TKOTZ, 2006, p. 38) e que precisávamos para a elaboração dos textos da pesquisa. “As conversas podem funcionar como um mapeamento para a compreensão do conhecimento que est[amos] buscando tecer, sem apresentar hierarquia entre os saberes, que se encontram na vida cotidiana, seja no cotidiano das escolas, das universidades, dos lares, dos

laboratórios... (TKOTZ, 2006, p. 31). Essa metodologia já nos coloca em um lugar não hierarquizado que temos buscado com nossas relações pessoais, de pesquisa e de trabalho, ainda que essa busca não seja assim tão fácil.

Depois de dois mandatos, a diretora não pode se candidatar novamente. Ao se aproximar uma nova eleição, as professoras começaram a se organizar. O burburinho causado pela preocupação de que alguém de fora pudesse adentrar o portão e assumir o comando fez com que muitas conversas girassem em torno dessa questão. Uma professora franziu sua testa e disse:

– A Silvia Tkotz não pode ser. É muito autoritária (Trecho do diário).

Escrever um diário foi um dos movimentos da pesquisa que se deu ao enfrentar o desafio de capturar esses cotidianos para comprovar as hipóteses e defender a tese. E no meio do percurso do doutoramento, veio uma pandemia. Os lugares da pesquisa se transformaram em retângulos de conversas em vídeo-chamadas e reuniões online, em que professoras e outras pessoas da escola dialogavam sobre as diversas possibilidades de atender estudantes que tinham pouco ou nenhum acesso digital. O trabalho intenso de preparar e disponibilizar material para estudantes exigia trocas constantes e um desgaste emocional diante das pequenas respostas alcançadas.

Relembro com Sússekina (2007), a história de Geni, mulher que servia a qualquer homem, em qualquer lugar e, por isso, era hostilizada. Até que um Zepelim chega à cidade e o Coronel a escolhe como forma de pagamento para não destruir tudo e, por Geni aceitar a imposição, deixa de ser "maldita Geni" para ser a "bendita Geni". A escola, assim como Geni, foi assim na pandemia: aquela que não serve para nada e é a salvadora. De maldita a bendita, a escola transita, como Geni, de acordo com a situação.

A escola é esse espaço onde as opressões e os problemas sociais se visibilizam no acolhimento que a escola dá a todo tipo de gente, como Geni. E o comportamento das pessoas nessa relação se dá de acordo com os interesses. Registrar essas experiências inéditas e dolorosas é, como nos ensina Alves (2001), buscar entender, de maneira diferente do aprendido, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, que exigem que estejamos dispostas a ver além daquilo que outros estão vendo e muito mais, um desafio pretencioso.

O caminho escolhido é o dos relatos da vida cotidiana por entender [...] a referência ao cotidiano como sendo uma rota de conhecimento. O cotidiano não como objeto de estudo, pois o objeto dos estudos *nosdosc* com os cotidianos é o social, mas por ser a arma – o método, a visão de conhecimento e de mundo que nos informa (SÜSSEKIND, 2007, p. 36).

Vimos transitando pelo campo das pesquisas com os cotidianos há tempos e aprendemos que “algo mais do que uma postura epistemológica haveria de ligar os estudos *nosdosc* com os cotidianos” (SÜSSEKIND, 2007, p. 22-23).

Os estudos *nosdosc* com os cotidianos vêm elaborando um conhecimento específico *nasdosc* sobre as escolas. As pesquisas são feitas por pessoas que têm como objetivo e cuidam para que seu *olhar* *vir* *versentir* crie uma forma inédita de contar/narrar/relatar o que se vive na escola todo dia (SÜSSEKIND, 2007, p. 133).

Com Alves (2001), refletimos sobre os quatro primeiros movimentos necessários para a organização *teórica* *metodológica* e *teórico* *epistemológica* nas pesquisas com os cotidianos: “o sentimento do mundo”; “virar de ponta cabeça”; “beber em todas as fontes” e “narrar a vida e literaturizar a ciência”. Como primeiro movimento, a autora se propõe a “mergulhar inteiramente em uma



determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário” (ALVES, 2001, p.17). Alves retoma esse movimento, em 2008 e em 2019, quando revisita suas práticas de pesquisa com os cotidianos.

Na posição original – “virar de ponta cabeça” – Alves (2001) buscava explicar que para criar uma corrente nova de pesquisa era preciso inverter todo o aprendido. Repensando esse segundo movimento, Alves diz que “Não percebia que somente o que tinha sido anteriormente ‘feitopensado’ é que permitiria ir adiante. [...] Criar ‘fazerespensares’ novos só pode se dar, exatamente, no embate com o que já foi feito” (ALVES, 2019, p.27). Ela propõe, então, como segundo movimento “Ir sempre além do já sabido”.

Revisita também a posição original proposta no terceiro movimento “beber em todas as fontes”. Alves (2001) trazia o entendimento de que devíamos buscar fontes para trabalhar. No entanto, “não se tratava disso, mas sim criar nossos intercessores” (ALVES, 2019, p.28). E ela, então, propõe que o terceiro movimento seja o de “criar nossos *personagensconceituais*” (ALVES, 2019, p.28). E, ainda, no texto inicial alertava para a necessidade de uma outra escrita para além da já aprendida e propõe narrar a vida e *literaturizar* a ciência, como quarto movimento (ALVES, 2001). Valoriza, então, a importância de tecer histórias para quem vive os cotidianos de *aprenderensinar*, fazendo-se narrador que insere múltiplos relatos aos seus modos de contar.

Talvez por não ser tão sábia quanto os autores citados ou talvez por ser mulher em uma sociedade na qual quem tem ideias é homem, ou ainda porque deixo as marcas de meus passos em terrenos pouco conhecidos, vagando por *espaçostempos* ainda não ou impossivelmente revelados, não consegui formular aquilo que no texto [já] está virtualmente escrito: o que de fato interessa nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos são as pessoas, os [...] *praticantespensantes* [...] Cabe, assim, a pergunta: por que falando sobre isso o tempo todo, não me dei conta disso? E por que consigo fazê-lo agora? (ALVES, 2008, p.45).

A partir desse questionamento, Alves propõe o quinto movimento – *Ecce Femina* – em que incorpora as *praticantespensantes* com suas memórias de suas criações curriculares, seus modos de compreender o mundo e nele agir, tratando dos *conhecimentossignificações* que produzem em suas narrativas. E, como mais um movimento, “mais do que divulgação do que é produzido como ‘conhecimentossignificações’ nas pesquisas, o que propomos é uma circulação da produção” (ALVES, 2019, p. 38). Assim, o sexto movimento é a circulação dos ‘conhecimentossignificações’ como necessidade.

Os estudos *nosdoscom* os cotidianos em educação geram conhecimentos que deixam rotas para outros conhecimentos. São trabalhos em rede não só por costurarem vários saberes das redes dos pesquisadores e sujeitos da pesquisa e vários trabalhos de outros autores, mas também por permitirem e sugerirem outras costuras e outras buscas, novas rotas, pistas para as próximas invenções (SÜSSEKIND, 2007, p. 146).

Nesses modos de fazer pesquisa com os cotidianos, as propostas de movimentos apresentadas por Alves (2001, 2008 e 2019) se imiscuem teoricamente com outros movimentos que identifico como de decolonização e que me apontam os cuidados com a diferença, o múltiplo e a alteridade, levando-me a articular conversas que foram de encontro a políticas de homogeneização das práticas educativas, como a BNCC e as avaliações em larga escala, por exemplo. “A ênfase na homogeneidade não resulta do desconhecimento da existência da diferença, mas de uma abordagem da diferença que a aproxima da desigualdade” (ESTEBAN, 2014, p. 471).

Para além de explicitar as diferenças e sofrer com as desigualdades,



fomos em busca das múltiplas lógicas e a pluralidade dos modos de vida pois

Por isso, estamos em luta, disputando sentidos e nos colocando frontalmente contra os discursos e processos que negam valor à diferença na relação ensino-aprendizagem e trazem a diferença cultural como meio para fragmentar o conhecimento, inferiorizar a muitos sujeitos e saberes, enfatizar o individualismo, desqualificar a alteridade e justificar a desigualdade (ESTEBAN, 2014, p. 484).

Em um movimento de contestação dos saberes dominantes, na busca pela reaproximação de saberes múltiplos e pela diversidade epistemológica do mundo, caminhamos na pesquisa pelo reconhecimento das experiências de conhecimento que se dão nessa escola. Pela tessitura de conhecimentos a partir da noção de redes de conhecimentos (ALVES, 2001) em que cada um de nós é uma rede de sujeitos, nos deixamos arrastar pelas emoções e práticas de solidariedade que *sentimosvivemos*.

Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre os cotidianos, mas, estudar nos/dos/com os cotidianos assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas (ALVES, 2019, p.19).

Esse é um dos modos de apresentar alguns movimentos da pesquisa e *novosoutros* movimentos *são* serão criados e recriados para acompanhar os imprevisíveis e incontroláveis cotidianos. Perseguir a invenção, então, foi mais um dos caminhos metodológicos percorridos, inspiradas em Evaristo (2017) que dá conta da importância do vivido através da criação literária nas suas *escrevivências*. As narrativas, como prática de pesquisa, puderam contribuir com a criatividade necessária para eu dar conta da pesquisa.

Escrevi o diário no período de 2020, com a pandemia, um conto que conta da escola e ensaios diversos, além de cartas dirigidas a orientadore. “As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p.11). É nela, nessa escola *vividapraticada*, que acreditamos. Foi nela – nessa escola que abriga a noção e o sentido de tantas outras como ela – que aprendemos tudo que *sabemospensamosentimos* para com ela escrevermos uma tese, “que se enreda como sendo contribuição para o pensamento democrático e para a tessitura da emancipação social” (SÜSSEKIND, 2007, p. 205). Nela, descobrimos que “a presença do pesquisador na escola, na sala, testemunha e influencia a produção desses saberes e desta forma os *ineditiza*” (SÜSSEKIND, 2007, p.149). Dado o exposto, defendemos que o inédito da tese é a criação dos relatos da prática.



Sem assumir um caráter de exemplaridade, amostra ou ilustração, os relatos das práticas geram novos saberes nos quais os leitores (professoras e alunos e outros) se reconhecem, ressignificam e dão sentido às suas próprias experiências e valorizam – acho que isso é o mais importante – a existência, o surgimento e a *desinvisibilização* de outras/novas táticas em outros/novos *espaçostempos* de outras/novas escolas (SÜSSEKIND, 2007, p.149).

Em um cenário, que não se restringe ao campo literário, *escrevivemos* experiências coletivizadas trazendo para a escrita acadêmica a ficção com os relatos das práticas, mantendo essa busca por romper a dicotomia entre a ficção e a realidade. “Assim como as palavras criam a realidade, elas criam, também, a ficção. E a beleza da ficção é ver realidade nas palavras” (TKOTZ, 2006. p.109). A escola pesquisada é tudo isso e não é nada disso (SÜSSEKIND, 2007).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente** - questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019.
- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas”. In ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- DANIEL, Sharon. **The Public Secret: Information and Social Knowledge**, 2007. Disponível em [http://artsites.ucsc.edu/faculty/sdaniel/bordertech/publications/PublicSecrets\\_documenta.pdf](http://artsites.ucsc.edu/faculty/sdaniel/bordertech/publications/PublicSecrets_documenta.pdf). Acesso em: 27 jun. 2021.
- ESTEBAN, Maria Tereza. A negação do direito à diferença no cotidiano escolar. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 2, p. 463-486, jul. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/aval/a/5KL8M8R7v5fgzbnkxrhLMP/?lang=pt&format=pdf>. Pesquisado em 05/01/2022
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n.1, Batalha de Ideias: AfroLatinoAmérica, p. 12-21, 2011.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. “O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública”. **Revista Teias** [online], Rio de Janeiro, v. 18, p. 134-148, out./dez. 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/30506>. ISSN 1982-0305. <https://doi.org/10.12957/teias.2017.30506>. Acesso em 07 out 2022.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola**, v. 13, n. 25, 2019. <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980> Acesso em: 07 jan 2022.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. O ineditismo dos estudos *nosdoscom* os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do Rio de Janeiro. Brasil, **Revista e-Curriculum**, [S.l.], v. 9, n. 2, ago. 2012. ISSN 1809-3876. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10987/8107>. Acesso em: 06 set. 2020.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Quem é William F. Pinar?**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii, 2014.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Teatro de ações: arqueologia dos estudos nosdoscom os cotidianos**. Relatos das práticas pedagógicas emancipatórias nas escolas. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007. 235 p.
- SÜSSEKIND, Maria Luiza; CARMO, Lorena Azevedo do; NASCIMENTO, Stephanie Duarde Láu do. **‘Alfinetar’: currículos, ódios e gêneros**. Revista Estudos Feministas, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 30 jul. 2022.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; PAVAN, Ruth. Outras metodologias e outras epistemologias: pesquisas com currículos a caminho de bacurau. **Revista Teias**, v. 20, n. 59, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47485>. Acesso em 04 jan. 2022.

TKOTZ, Silvia. **De Canarinhos a Bom Jesus**: tecendo histórias em conversas. 2006, 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PROPED/UERJ, Rio de Janeiro. 2006.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

---

<sup>i</sup> O presente artigo é parte integrante da tese “Cartas, contos, conversas e ensaios com os cotidianos democráticos de uma escola pública na periferia de Duque de Caxias na Baixada Fluminense/RJ”, apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.